



Relação campo-cidade e dinâmicas populacionais no município de Jaramataia-Alagoas

Field-city relationship and population dynamics in the municipality of Jaramataia-Alagoas

Admilton Barbosa Lima Júnior¹; Guilherme Alves do Amaral²;
Maria Vitória Barbosa Nunes³; Noêmia Fernanda Azarias Lima⁴;
Matteus Freitas de Oliveira⁵

¹Discente do 3º ano do Médio Integrado ao Técnico do curso de Agroindústria, Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, admilton.barbosa2014@gmail.com;

²Discente do 3º ano do Médio Integrado ao Técnico do curso de Agroindústria, Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, gamaral4045@gmail.com;

³Discente do 3º ano do Médio Integrado ao Técnico do curso de Agroindústria, Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, vn28318@gmail.com;

⁴Discente do 3º ano do Médio Integrado ao Técnico do curso de Agroindústria, Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, noemialima603@gmail.com;

⁵Docente EBT, Mestre em Geografia, Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, matteus.oliveira@ifal.edu.br.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 15 de novembro de 2019; Aceito em: 05 de janeiro de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: O município de Jaramataia, localizado no Sertão de Alagoas, possui uma população de 5.558 habitantes (IBGE, 2010) e nele são estabelecidas relações campo-cidade mediadas pela articulação de fluxos que emergem dos seus espaços urbanos e rurais. O município é composto por sete povoados e um assentamento, apresentando cadeias produtivas ligadas à produção de leite, pescado e agricultura de subsistência temporal e permanente nos moldes do trabalho sustentável/familiar. Face ao exposto, o objetivo desta pesquisa foi compreender as dinâmicas populacionais que se estabelecem entre a sede de Jaramataia e as áreas onde se concentram os principais fluxos dessas cadeias produtivas que estão situadas no perímetro rural. Para além disso, o estudo coloca na agenda de análise a realidade de cidades pequenas que mantêm a complexa relação com o campo por meio da agricultura. Metodologicamente, foi realizado levantamento bibliográfico com base nas palavras-chave cidade-campo, cidade pequena, cadeia produtiva e agroindústria, e, em seguida, foram elaborados e aplicados questionários semiestruturados, e, por fim, procedeu-se à análise dos dados.

PALAVRAS-CHAVE: Cidades pequenas, Sertão alagoano, Rural-urbano.

ABSTRACT: The municipality of Jaramataia, located in the Sertão de Alagoas, has a population of 5,558 inhabitants (IBGE, 2010) and it establishes field-city relations mediated by the articulation of flows that emerge from its urban and rural spaces. The municipality is made up of seven villages and a settlement, with productive chains linked to milk production, fish and subsistence agriculture in the mold of sustainable / family work. Given the above, the objective of this research was to understand the population dynamics that are established between the headquarters of Jaramataia and the areas where the main flows of these productive chains that are located in the rural perimeter are concentrated. In addition, the study places on the analysis agenda the reality of small towns that maintain the complex relationship with the countryside through agriculture. Methodologically, a bibliographic survey was performed based on the keywords town-country, small town, production chain and agro-industry, and then semi-structured questionnaires were elaborated and applied, and finally, the data were analyzed.

KEYWORDS: Small towns, Alagoas hinterland, Rural-urban.

INTRODUÇÃO

A evolução do pensamento geográfico foi marcada pela predominância de perspectivas filosóficas e pela operacionalidade de categorias de análise que, em seus contextos históricos, revelaram a síntese espacial e o desafio de construção do discurso geográfico. No bojo desse contexto, o debate sobre campo-cidade e rural-urbano apresentou variação de aplicabilidade, compreensão e posicionamento político-ideológico como, discute Alves (2012).

Conforme Alves e Manoel (2018), as definições sobre urbano e rural no Brasil partem de perspectivas infraestruturalistas, minorando a capacidade de leituras mais complexas sobre a dialética entre esses espaços, que por muito tempo foram considerados antagônicos, com a velha perspectiva dicotômica sobre o viés da produção que se estabeleceu entre cidade e campo.

Podemos considerar, a partir das provocações de Alves (2012), Miranda (2013) e Alves e Manoel (2018), que, ao acionar a dialética campo-cidade, é possível analisar variadas esferas, como a dinâmica econômica e populacional, a produção, as desigualdades sociais, as cadeias produtivas agroindustriais, as formas espaciais, as alterações nas paisagens, as relações de pertencimento e as territorialidades, esferas essas que não negam em suas geografias a complexidade em variedade escalar, desde o local ao global, como, por exemplo, as áreas destinadas ao agronegócio.

Como estudo de caso dessa variedade de escala de análise, buscamos compreender as relações campo-cidade no município de Jaramataia, que está localizado no Sertão de Alagoas, mais especificamente na Bacia Leiteira, e possui uma população de 5.558 habitantes (IBGE, 2010), sendo composto por cinco povoados e um assentamento, além de cadeias produtivas ligadas à produção de leite, pescado e agricultura de subsistência temporal e permanente nos moldes do trabalho sustentável/familiar. Nesse espaço,

A relação campo-cidade se constitui a partir do momento em que o campo, por meio da produção de alimentos para a sua subsistência e excedentes a partir das evoluções técnicas, consegue abastecer o mercado urbano, dando sustentação para a dinâmica cidadina (NEVES; SANTOS, 2019, p. 3).

Mesmo não apresentando autonomia de produção nem agrária, nem industrial, Jaramataia entrelaça relações imbricadas entre campo e cidade, marcas inscritas na

paisagem, desde o campeonato de futebol, que aglutina atletas dos povoados e ruas da sede, até as cadeias produtivas mais dinâmicas, como as do leite e do pescado, apesar da desarticulação comunitária.

Em seu estudo sobre o Assentamento Brejo de São Félix-MA, Miranda (2018), com uma abordagem da Sociologia Rural, compreendeu as relações cidade-campo por meio do deslocamento de lazer. De acordo com ela, “[...] parentes e amigos do ‘urbano’ vão para o ‘rural’ nos finais de semana, dias de festas e são presenteados por gêneros alimentícios e estes retribuem com serviços e produtos urbanos” (MIRANDA, 2018, p. 2).

A cidade de Jaramataia, segundo a classificação de Wanderley (2001, p. 4), é considerada uma pequena cidade, na medida em que apresenta em sua sede uma população inferior a 20 mil habitantes e, por isso, “não integrariam propriamente o ‘sistema de cidades’, sendo consideradas [então] como não-urbanas”. A partir dessa perspectiva, existem dois tipos de sociedade, uma agrária e outra urbana:

Nas sociedades agrárias, cidade e campo coexistem, mas o campo domina a cidade, embora está o organize e seja seu centro administrativo; a dominação é demográfica e econômica. Nas sociedades urbanas, a coexistência também se verifica entre campo e cidade, porém a cidade domina o campo, que passa para um plano secundário, demográfica e economicamente (QUEIROZ, 1979, p. 162).

Diante desse cenário predominantemente rural, objetivamos analisar essas relações, estabelecendo comparativos entre os cinco povoados do município e as relações que são feitas com a cidade. Dessa forma, esta pesquisa está dividida em 2 partes, uma trata da mobilidade como indicadora da dialética campo-cidade e a outra apresenta a articulação espacial das cadeias produtivas no campo e seus desdobramentos na cidade. Face ao exposto, o objetivo desta pesquisa foi compreender as dinâmicas populacionais que se estabelecem entre a sede de Jaramataia e as áreas onde se concentram os principais fluxos dessas cadeias produtivas que estão situadas no perímetro rural. Para além disso, o estudo coloca na agenda de análise a realidade de cidades pequenas que mantêm a complexa relação com o campo por meio da agricultura.

JUSTIFICATIVA

Por muito tempo existiu um consenso acerca da separabilidade entre espaços rurais e urbanos, e essa visão equivocada produziu análises fragmentadas da realidade espacial. Essa concepção segmentada compreende o campo pela concentração das atividades agropecuárias, e sua finalidade se restringe ao abastecimento das cidades; enquanto isso, a cidade concentra o sistema industrial, o comércio e os serviços, como, por exemplo, as atividades de lazer, a capacitação técnica e os centros de pesquisa.

Ao contrário dessa perspectiva, em busca desse *continuum*, Abramovay (2000), Alves e Vale (2013) e Andrade e Alves (2014) nos alertam que o rural não pode ser estudado em si, mas deve ser devolvido à complexidade da totalidade, da qual ele faz parte, unindo-o ao urbano. Essa indissociabilidade fica evidente pelas lógicas espaço-temporais que se estabelecem nas escalas locais em cidades pequenas, onde trocas de produção, mobilidade populacional, relações territoriais de identidade oferecem uma farta compreensão dessa dialética, como aponta Engels (1979 [1845], p. 56):

A supressão da oposição cidade e campo não é só possível, mas formou-se uma necessidade direta da própria produção da indústria, como se tornou igualmente uma necessidade da produção agrícola, e ainda por cima, da higiene pública, só com a fusão da cidade com o campo é que se pode eliminar a intoxicação atual do ar, da água e do sol: só ela pode levar as massas que hoje definham nas cidades ao ponto em que seu estrume sirva para produzir plantas em vez de produzir doenças.

Geralmente, as cidades pequenas possuem um aspecto rural, visto que suas atividades econômicas mais dinâmicas estão associadas à agropecuária e aos *modus operandi* do campo, além de que seus ritmos e processos se estabelecem nas áreas urbanas, assim ditando a atmosfera do cotidiano. Essa produção concentrada no campo desloca uma parcela considerável da população para a produção rural. Como observou Wanderley (2001), podemos dizer que, pela incipiente urbanização da cidade de Jaramataia, se processou um fluxo pendular de pessoas que trabalham no campo, mas moram na cidade. Com isso, destacam-se:

[...] o peso da população rural no conjunto da população municipal; a proporção das pessoas que, vivendo nas áreas urbanas, trabalham no meio rural, especialmente agricultores e suas famílias – o que estabelece uma via de duas mãos na circulação entre a população rural e urbana no espaço municipal – e a proporção [...] ocupadas nas atividades agropecuárias sobre o conjunto das pessoas ocupadas no município (WANDERLEY, 2001, p. 7).

As cadeias produtivas do leite, da pesca e da agricultura de subsistência geram a articulação desses espaços, deslocando capital, pessoas e mercadorias e interligando a sede como concentradora dessa matéria-prima para comercialização que é abastecida pelos 5 povoados, de acordo com suas especialidades produtivas.

Sendo assim, estabelecer o diálogo campo-cidade na escala da cidade pequena é contribuir para a superação da dicotomia anteriormente discutida e, além disso, trazer esse debate para uma abordagem escalar que visibilize as cadeias produtivas que movimentam o desenvolvimento local, com isso evidenciando suas potencialidades e fragilidades.

METODOLOGIA

Segundo Alves (2012), Alves e Vale (2013) e Andrade e Alves (2014), existem várias perspectivas metodológicas que abordaram o tema na evolução do pensamento geográfico, desde o pensamento clássico, influenciado pela Geografia francesa de Paul Vidal de la Blache, até a Geografia Crítica, que entrou em vigor em meados dos anos 80 do século XX. Essas concepções operacionalizavam análises com métodos diferenciados para contemplar os desafios que marcaram seu tempo. Vale salientar que isso se deu mesmo havendo correntes geográficas “superadas” e técnicas de coleta de dados que ainda são reincorporadas às novas possibilidades de pesquisa na atualidade.

A escolha metodológica do percurso de uma pesquisa pode ser múltipla, cruzada e associada. Essa direção deve ser determinada para facilitar o acesso e a compreensão das informações de campo e das análises teóricas necessárias. Nossa primeira etapa metodológica esteve imersa na extração de informações literárias, corroborando o que pontuam Marconi e Lakatos (2003) quando ressaltam que esse levantamento compreende a literatura, ou seja, corresponde ao que já foi escrito sobre o assunto e publicado em meio científico. Destarte, “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera

repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183). Nessa etapa, associamos abordagens sociológicas com a pesquisa de Miranda (2013) e as análises geográficas de Alves e Vale (2013), Andrade e Alves (2014), Wanderley (2001) e Souza (2017) sobre as relações campo-cidade.

Além da prospecção literária, foi realizado o levantamento de dados tanto primários, por meio da aplicação de 100 questionários semiestruturados – 50 na sede e 10 em cada povoado (Altão, Campo Alegre, Fazenda Nova, Igrejinha e São Pedro). Os questionários levantaram aspectos sobre o grau de dependência entre cidade e povoado, mobilidade, produção, comércio e serviços no contexto campo-cidade. Foram associados dados primários gerados por órgãos oficiais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística sobre a população, a densidade demográfica e a produção agropecuária. Segundo Marconi e Lakatos (2003), esse tipo de pesquisa documental tem como principal característica a coleta de dados em documentos.

Foram gerados, além disso, tabelas, gráficos e análises que contribuíram para as reflexões necessárias sobre as relações campo-cidade na escala da cidade pequena. Para uma melhor compreensão, os resultados foram divididos pelas principais cadeias produtivas que ocorrem na zona rural, agrupando os dados coletados nos povoados e possibilitando a visualização da dialética motivadora desta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

DA MOBILIDADE POPULACIONAL ÀS RELAÇÕES CAMPO-CIDADE EM JARAMATAIA

Segundo o IBGE (2010), a delimitação de espaços rurais e urbanos é de responsabilidade dos municípios. A metodologia engloba a geração de dois impostos espaciais, um de gerenciamento municipal, o Imposto Territorial Urbano – IPTU –, e o Imposto Territorial Rural – ITR –, de competência federal. Tais impostos são mecanismos que delimitam primeiramente o que é urbano e, por exclusão, determinam a área rural.

Como nos explicam Alves e Manoel (2018), essa perspectiva estatal também reconhece que a legislação não consegue acompanhar as transformações espaciais e

apresenta falhas por não conseguir suprir os desafios de análise que novas formas e dinâmicas espaciais propõem. Outra crítica necessária se direciona ao deslocamento da aplicação dos recortes espaciais para gestão de impostos e sua contribuição para a criação e manutenção da dicotomia de que Abramovay (2000) discorda, ou seja, esse mecanismo promove a separação de dois ambientes que são insuperáveis (ALVES; MANOEL, 2018).

De acordo com o IBGE (2010), o município de Jaramataia se localiza, no ranking, na posição de número 92 no tocante à quantidade de habitantes, confirmando sua posição na hierarquia urbana alagoana e sua classificação de pequeno porte. Conforme a tabela 1, a seguir, a população rural se manteve maior até o Censo de 2000, passando pela transição de maneira muito tímida no último Censo oficial no ano de 2010.

Tabela 1. Evolução populacional do município de Jaramataia de 1980 a 2019 – entre campo e cidade.

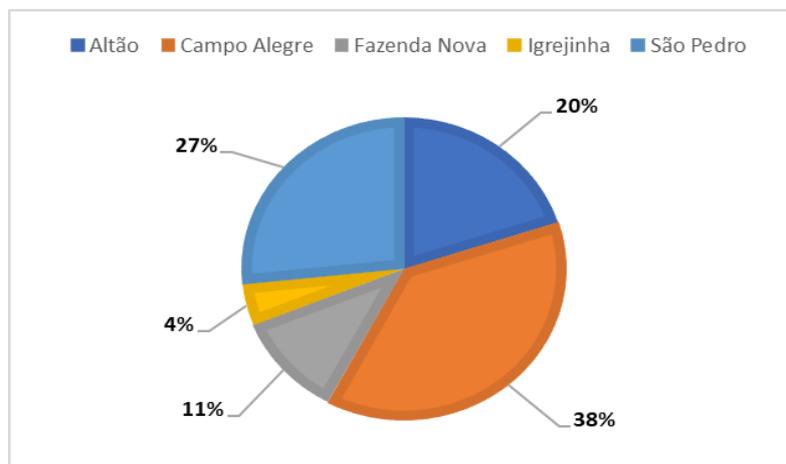
CENSOS	1980	1991	2000	2010	2019
Campo	1.947	2.244	2.901	2.645	s/d
Cidade	1.215	2.130	2.888	2.913	s/d
Densidade Demográfica (Hab./Km²)	25,85	42,06	55,83	53,59	55,64
População Total	3.162	4.374	5.789	5.558	5.770

Fonte: IBGE (1980, 1991, 2000, 2010).

Diante desse dilema, obtivemos dados por meio de questionários em busca de identificar fatores de atração dialética entre a população urbana da cidade de Jaramataia e os espaços rurais dos povoados de Altão, Campo Alegre, Fazenda Nova, Igrejinha e São Pedro, associando os equipamentos infraestruturais urbanos que geram atrações e as amenidades sociais e naturais que se especializam no campo e geram a mesma dinâmica.

Conforme o gráfico 1, na sequência, no que se refere aos deslocamentos intramunicipais, 38% dos moradores entrevistados na cidade de Jaramataia visitam o povoado Campo Alegre, popularmente conhecido como Bacurau, que está situado às margens da AL-220 e concentra cerca de 1 restaurante, com destaque para o *Bar e restaurante do Vicent's*, bastante conhecido em toda a região por ofertar uma gastronomia derivada da produção pesqueira no Açude DNOCS, onde se situa o povoado São Pedro, o segundo mais visitado, correspondendo a 27% dos dados.

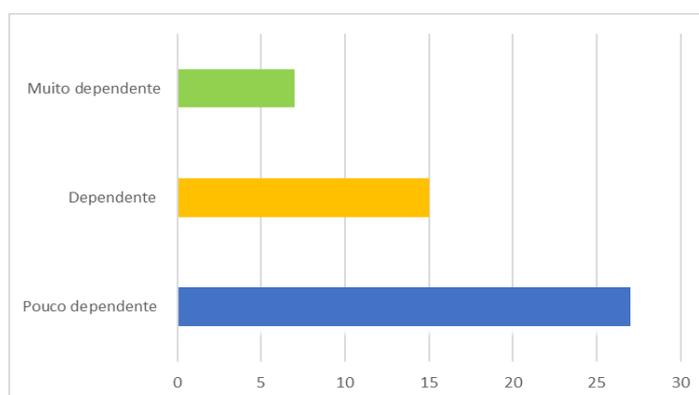
Gráfico 1. Povoados mais visitados pelos moradores da cidade de Jaramataia-Alagoas.



Fonte: AMARAL, G. A. do; JÚNIOR, A. B. L.; LIMA, N. F. A.; NUNES, M. V. B.;
OLIVEIRA, M. F. de.

O povoado São Pedro, segundo Oliveira et al. (2017), foi criado a partir das ações estatais na produção do açude com verbas federais geridas pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS. O peixe, em grande parte, é pescado pelos colonos do povoado São Pedro, em que são agregadas outras atividades ligadas ao lazer do banho, à navegação e à pesca, sobretudo nos finais de semana. Vale salientar que a cidade de Jaramataia não possui estabelecimentos do tipo restaurante, ficando a cargo do povoado de Campo Alegre suprir essa necessidade.

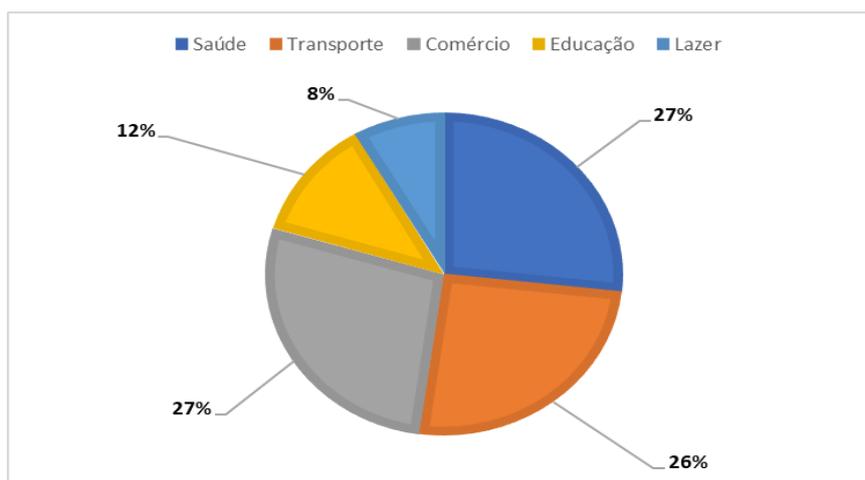
Gráfico 2. Grau de dependência dos moradores da cidade de Jaramataia em relação aos povoados.



Fonte: AMARAL, G. A. do; JÚNIOR, A. B. L.; LIMA, N. F. A.; NUNES, M. V. B.;
OLIVEIRA, M. F. de.

No que se refere à declaração de dependência, como está evidente no gráfico 2, 27% dos moradores de Jaramataia disseram não ter dependência em relação às cinco unidades rurais, enquanto 7% justificaram a integração em virtude do seu envolvimento nos sistemas agropecuários que oferecem renda ao município.

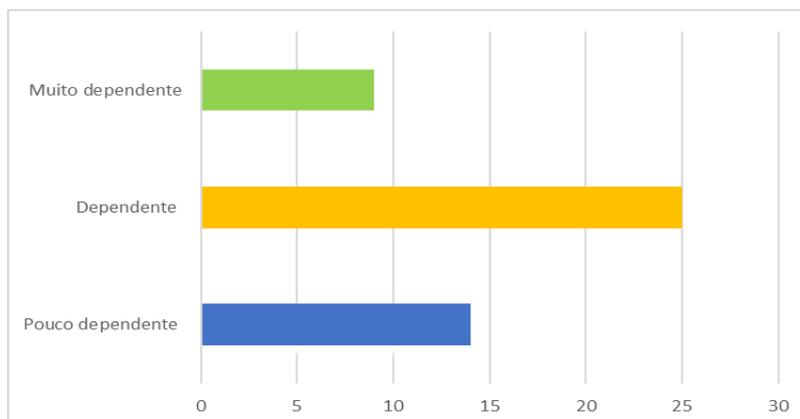
Gráfico 3. Serviços mais utilizados pelas pessoas dos povoados em Jaramataia.



Fonte: AMARAL, G. A. do; JÚNIOR, A. B. L.; LIMA, N. F. A.; NUNES, M. V. B.;
OLIVEIRA, M. F. de.

Quando inquiridos sobre a atração que a cidade exerce com relação à população do campo, 27% dos entrevistados afirmaram buscar serviços médicos/farmacêuticos e consumo no comércio local; por sua vez, 26% destacaram a utilização dos transportes intra e intermunicipal; 12% mencionaram trabalhar nas unidades escolares ou estudar, e somente 8% disseram buscar alguma forma de lazer, que é escasso (ver gráfico 3 e tabela 2). Podemos perceber, assim, que as pessoas que moram nos povoados analisados sentem uma considerável dependência de muitos serviços oferecidos pela cidade que constam no gráfico 3. Vale ressaltar que apenas cerca de 14 pessoas afirmaram não ter dependência quanto ao espaço da cidade.

Gráfico 4. Grau de dependência dos povoados para com Jaramataia.



Fonte: AMARAL, G. A. do; JÚNIOR, A. B. L.; LIMA, N. F. A.; NUNES, M. V. B.;
 OLIVEIRA, M. F. de.

O fluxo maior de pessoas, segundo os entrevistados, se concentra no dia de domingo, cerca de 21%, porque nesse dia se realiza a feira livre municipal, que é semanal. Esse também é um momento forte de interação entre sociedade – campo – cidade, para além das trocas comerciais, a feira é local de encontro e de socializações múltiplas. A cidade de Jaramataia é carente de infraestrutura urbana e serviços. O comércio reduzido serve para sanar consumos imediatos, já que parte da população mais solvável realiza suas compras em Batalha ou Arapiraca. Salientamos que esse consumo fora da cidade, além de tirar a circulação de capital, desarticula o crescimento da oferta de serviços e contribui para a pauperização da cidade.

Tabela 2. Estabelecimentos públicos e privados no campo e na cidade em Jaramataia.

LOCAL	JARAMATAIA	ALTÃO	CAMPO ALEGRE	FAZ. NOVA	IGREJINHA	SÃO PEDRO
Farmácias	4	-	-	-	-	-
Mercados	5	-	1	-	-	1
Calçados	1	-	-	-	-	-
Vestuários	5	-	-	-	-	-
Bancos	1	-	-	-	-	-
Associações	-	2	-	-	-	1
Escolas	4	1	2	1	-	2
Padarias	3	-	1	-	-	-
Restaurantes	-	-	1	-	-	-
Posto de Saúde	1	1	1	-	-	1

Fonte: AMARAL, G. A. do; JÚNIOR, A. B. L.; LIMA, N. F. A.; NUNES, M. V. B.;
 OLIVEIRA, M. F. de.

AS CADEIAS PRODUTIVAS E A POSSIBILIDADE DA AGROINDÚSTRIA COMO ELO ENTRE CAMPO E CIDADE

Entendemos por agroindústria a articulação de atividades industriais de transformação da matéria-prima oriunda da agropecuária, para consumo alimentar ou não, que seja submetida às etapas de beneficiamento e processamento e, conseqüentemente, ao processo de escoamento para consumo próprio, familiar ou abastecimento de mercados locais, regionais ou globais (ELIAS; LEITÃO, 2018).

As interações espaciais que ocorrem desde a produção da matéria-prima na agropecuária até seu processamento, dentro de uma cadeia produtiva, não apenas articulam campo-cidade, como impactam a mobilidade populacional, a organização da sociedade civil, o estímulo da produção local, o fortalecimento de identidades e vínculos territoriais. Em Jaramataia, foram reconhecidas 3 cadeias produtivas predominantes referentes ao leite, à agricultura de subsistência temporária e permanente e ao pescado.

Toda a produção do leite em Jaramataia é aglutinada em pontos de coleta. Cerca de 1.500 litros são produzidos diariamente no município e são vendidos tanto para o pessoal da cidade quanto para uma das maiores empresas de produção de queijo e leite, a Perdigão. A maior parte da produção é oriunda do povoado Altão, onde existem fabriquetas de queijo de produção artesanal que abastecem o mercado local. Vale a pena ressaltar que há produção de outros derivados do leite na Associação das Mulheres do povoado Altão, na qual são produzidos doce de leite, cocada de leite, entre outros produtos, que são vendidos em Jaramataia, bem como no próprio povoado e nos circunvizinhos.

Segundo Oliveira et al. (2018), o pescado de água continental está concentrado no povoado São Pedro, apesar de haver pescadores na sede municipal. Os principais recursos são a tilápia, a xira, o tambaqui e o camarão. Antes das ações extensionistas do Instituto Federal de Alagoas, Campus Batalha, a cadeia produtiva do pescado apresentava considerável desarticulação. Atualmente, ocorre o processamento de buchada e linguça de peixe, mesmo com a deficiência da infraestrutura, a desarticulação comunitária e a ausência de políticas de incentivo e de capacitação.

Com relação à agricultura de subsistência, ela se realiza em pequenas unidades rurais em todos os povoados e se divide em duas modalidades: a permanente, com a produção de palma forrageira para alimentação dos ruminantes próprios ou para

terceiros; e a temporária, que envolve os produtos básicos da agricultura familiar, tais como o feijão, o milho, além da fabricação de silo, o qual pode ser utilizado também na alimentação dos ruminantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os dados coletados por meio dos questionários aplicados tanto em Jaramataia quanto nos povoados, encontramos no viés crítico a possibilidade de explorar as relações campo-cidade a partir da mobilidade populacional e das cadeias produtivas. Apesar da incipiente infraestrutura e de ser caracterizada como uma pequena cidade com aspectos visivelmente rurais, de acordo com Alves e Manoel (2018), Jaramataia apresenta a complexidade das relações dialéticas que existem no território.

As relações de trabalho, produção, consumo e lazer movimentam públicos diversos que acionam necessidades em diversas partes do município, mesmo com a carência de vários serviços urbanos e rurais. Esse cotidiano que se produz com essa participação comunitária está envolto na predominância das relações rurais em detrimento das urbanas.

Por fim, consideramos que a análise das cadeias produtivas locais, além de despertar o interesse para o gerenciamento do desenvolvimento local, é um indício de relações que mantêm o *continuum* entre campo e cidade e refutam a ideia da dicotomia. Com isso, essa percepção nos abre um campo de estudo para melhor investigar a potencialidade das agroindústrias na articulação espacial e suas multiplicidades de leituras interdisciplinares.

REFERÊNCIAS

1. ABRAMOVAY, Ricardo. Do setor ao território: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. In: *Inter-relações entre as transformações demográficas e a agenda social*. Texto para discussão IPEA: São Paulo/Rio de Janeiro, 2000. N.º. 702.
2. ALVES, Carlos Henrique Silva et al. *A relação entre o rural e o urbano nas pequenas cidades do norte de Minas Gerais/Brasil*. Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, 2011.
3. ALVES, Flamarion Dutra. A relação campo-cidade na Geografia

Brasileira: apontamentos teóricos a partir de periódicos científicos.
Alfenas: Geografia Ensino & Pesquisa, 2012.

4. ALVES, Flamarion Dutra; VALE, Ana Rute do. *A relação campo-cidade e suas leituras no espaço*. Boa Vista: Esp. Geografia Agrária, 2013.
5. ALVES, Flamarion Dutra; MANOEL, Lucas. *Relação campo-cidade e dinâmica populacional na microrregião de varginha – Minas Gerais*. São Cristóvão: GeoNordeste, 2018.
6. ANDRADE, Artur Leonardo; ALVES, Flamarion Dutra. As representações socioespaciais da relação campo-cidade, rural-urbano na Geografia agrária brasileira: Análise do período entre 1998 e 2012. *Campo-território: Revista de Geografia Agrária*, Gramado, v. 17, n. 9, 2014.
7. ELIAS, Denise; LEITÃO, Felipe Rodrigues. Corporações, agroindústria e relações campo-cidade no Ceará. In: *Anais do XXIV Encontro Nacional de Geografia Agrária*, João Pessoa, 2018.
8. ENGELS, Friedrich. *A questão da habitação*. Belo Horizonte: Aldeia Global, 1979 [1845].
9. IBGE. **Sinopse preliminar do censo demográfico 1980**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/310/cd_1980_v1_t1_n12_al.pdf. Acesso em: 18 set. 2019.
10. IBGE. **Sinopse preliminar do censo demográfico 1991**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/310/cd_1980_v1_t1_n12_al.pdf. Acesso em: 18 set. 2019.
11. IBGE. **Sinopse preliminar do censo demográfico 2000**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/308/cd_2000_v7.pdf. Acesso em: 18 set. 2019.
12. IBGE. **Sinopse preliminar do censo demográfico 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/jaramataia>. Acesso em: 22 jun. 2019.
13. MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2003. p. 282.
14. MIRANDA, Aurora Amélia Brito de. As inter-relações campo-cidade: do modelo clássico aos novos desafios. In: *Anais da VI Jornada Internacional de Políticas Públicas*, São Luís, 2013.
15. NEVES, Joser Cleyton; SANTOS, Thiago Araujo. **A relação campo e cidade em Três Lagoas/MS sob a perspectiva histórico-econômica**. In: *Anais do XXIV Encontro Nacional de Geografia Agrária*, João Pessoa, 2019. p. 3.
16. OLIVEIRA, Matheus Freitas; SILVA, José Ribeiro da; NETTO, João Lúcio de Moraes Gomes; VIEIRA, Carlos Eduardo dos Santos; OLIVEIRA, Isaac Matias de; LEMOS, Danielle Martins; LADEIRA, Silvânia Alves; SILVA, Venício Ferreira da. Experiência extensionista na capacitação da colônia Z-29 da colônia dos pescadores de Jaramataia, Alagoas: entre boas práticas e cooperação solidária. In: *Anais do 8º Congresso brasileiro de extensão universitária*, Natal-RN: SEDIS-UFRN, 2018. p. 10624-10640, v. I.

17. OLIVEIRA, Matteus Freitas de; NETTO, João Lúcio de Moraes Gomes; VIEIRA, Carlos Eduardo dos Santos. O saber-fazer e ser pescador artesanal: A produção territorial da Colônia São Pedro de Jaramataia – Alagoas. In: *Anais do VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária*, Curitiba/PA/Brasil, 1 a 5 de novembro de 2017.
18. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Dialética do rural e do urbano. In: BLAY, Eva Alterman (Org.). *A luta pelo Espaço*. Petrópolis: Vozes, 1979.
19. SOUZA, Suzane Tosta et al. A reafirmação da dialética campo-cidade na sociedade urbana: uma leitura dos conceitos a partir da realidade concreta. *Revista Campo-território*, [s.l.], v. 12, n. 26, p. 70-93, 30 abr. 2017. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia.
20. WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. *Urbanização e ruralidade: relações entre a cidade pequena e o mundo rural e estudo preliminar sobre os pequenos municípios de Pernambuco*. Recife, 2001.